

CARACTERIZAÇÃO DO DEPÓSITO DE COBRE COMPLEXO RIACHO SECO/BA

José Batista Siqueira¹; Rodrigo Roseno de Andrade¹

¹Universidade Federal de Sergipe - UFS

A área deste trabalho está inserida na porção central do Complexo Riacho Seco, no extremo nordeste do estado da Bahia, em sua porção básica-ultrabásica, e localiza-se no município de Curaçá-BA, pertencente ao Terreno Pernambuco-Alagoas, porção sul da Província Borborema. Este trabalho caracteriza as rochas e mineralizações do Complexo Riacho Seco, o qual consistiu em etapas, iniciando com revisão bibliográfica, atividades de campo, coleta de amostras e análise macroscópica. Após estas etapas foi feita a petrografia das amostras coletadas, possibilitando a identificação dos constituintes mineralógicos e feições em microescala, bem como integração dos dados obtidos. As principais litologias são representadas pelo Complexo Metamórfico Migmatítico que abrange os gnaisses migmatíticos, os biotita gnaisse e gnaisses quartzíticos. O litotipo dominante apresenta textura granolepidoblástica, com palhetas orientadas de biotita, intercalado a bandas granoblásticas de cristais achatados de plagioclásio, microclina e quartzo. Como acessórios ocorre titanita, magnetita, ilmenita, apatita e zircão. Rochas básicas as quais foram classificadas como anfibolitos, compostos por quantidades variáveis de hornblenda, plagioclásio, diopsídio, quartzo e granada. Exibem coloração verde-escura, granulação fina a média, estrutura orientada, com alinhamento dos cristais de hornblenda e textura granoblástica a granonematoblástica. Aos quais geralmente estão associadas às mineralizações de cobre. Rochas calcisilicáticas que apresentam o diopsídio e a actinolita como os principais componentes, além de plagioclásio, epidoto, quartzo e carbonato, que aparecem em percentagens muito variáveis. Como acessórios, aparecem, geralmente, hornblenda, granada, titanita e apatita. Também verificou-se a presença de sulfetos em rochas calcisilicáticas. Mármoreos ocorrem geralmente como níveis subordinados às calcisilicáticas. Apresentam coloração cinza-clara, esverdeada a rósea, com pontuações verde-escuras, granulação média, estrutura levemente orientada a maciça e textura granolepidoblástica a granoblástica. Além da calcita, há clorita, diopsídio, flogopita, tremolita, cummingtonita, apatita e magnetita, como acessórios. Biotita gnaisse tem coloração cinza-escuro, granulação média a grossa, estrutura orientada e textura granolepidoblástica. É composto, principalmente, por feldspato e biotita, sendo que estes dois minerais alternam-se em predominância, resultando ora uma rocha quartzo feldspática, ora um biotitito. A granada, com uma distribuição bastante irregular, aparece geralmente em grãos grossos e bem formados. A cianita está relacionada a níveis com predominância de biotita, e sua percentagem também é bastante variável. Esses biotititos possuem características diferentes daqueles associados às rochas básicas, principalmente quanto à ausência de mineralizações e presença de granada e cianita. As intercalações de rochas básicas-ultrabásicas, transformadas em anfibolitos, são hospedeiras da mineralização de cobre, e também as calcisilicáticas. Os sulfetos são constituídos por calcopirita, bornita, pirita e calcocita; e os minerais oxidados de cobre, apresentam-se, como disseminações de malaquita e crisocola. Essas rochas e as mineralizações nelas alojadas, foram submetidas a transformações metamórficas, em corredores estruturais específicos ou armadilhas, que contribuíram para o enriquecimento através de processos endógenos. Além disso, processos exógenos, através de enriquecimento supergênico responsabilizaram-se pelas transformações das mineralizações sulfetadas, na zona de oxidação, e agora são representadas por malaquita ± goethita ± óxidos de manganês.

PALAVRAS-CHAVE: COMPLEXO RIACHO SECO; MINERALIZAÇÕES: COBRE.